

“A mão que afaga é a mesma que apedreja”: análise discursiva sobre amor materno, religião e sexualidade



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 14, v. 1 nov.2020-abr.2021

p. 207-220.

(“The hand that cuds is the same that stones” - discursive analysis on maternal love, religion and sexuality)

(“La mano que acaricia es la misma que apedrea” - análisis discursivo sobre amor materno, religión y sexualidad)

Leila Silvana Pontes¹

RESUMO: Com base na Análise de Discurso de linha francesa, o presente artigo discute a violência contra a população LGBTQI+ relacionando-a ao discurso religioso. Para isso, traz, como corpus de análise, o discurso da cantora gospel Eyshila, postado em seu Instagram para se posicionar sobre a sexualidade do filho que, antes evangélico como seus pais, declarou-se homossexual e drag. A partir da observação sobre o discurso, a análise se utilizou, principalmente, de conceitos discursivos relacionados à ideologia, às formações discursivas e aos efeitos de sentido, com a finalidade de, a partir de um gesto de leitura, interpretar seu funcionamento. Objetivou-se ainda observar como Eyshila discursiviza a homossexualidade ao se posicionar como mãe e como mulher evangélica/religiosa que é, a fim de observar se, nesses lugares, ela rompe ou perpetua o discurso de sua formação discursiva; e, como consequência disso, objetivou-se também verificar se o seu discurso se mostra significativo no combate ao preconceito e à violência. Pêcheux (2014, 2015), Orlandi (2015), Mussalim (2001) e Barbosa e Silva (2016) foram referências teóricas para esta análise. O estudo mostrou que um aparente discurso de aceitação à homossexualidade pode ter efeitos de sentido carregados de preconceito e incitar a violência contra a população LGBTQI+. A pesquisa refere-se a um gesto de interpretação, que procura atravessar o efeito de transparência do discurso, e que não se esgota nesta análise.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso; discurso materno; preconceito religioso; violência; homossexualidade.

Abstract: Based on the French Line Discourse Analysis, this article discusses violence against the LGBTQI + population, relating it to religious discourse. For this, it brings, as a corpus of analysis, the speech of the Gospel Singer Eyshila, posted on her Instagram to position herself on the sexuality of the son who, before being evangelical like his parents, declared himself homosexual and Drag. Based on the observation of the discourse, the analysis used mainly discursive concepts related to ideology, discursive formations and the effect of meaning, with the purpose of interpreting its functioning from a reading gesture. The objective was also to observe how Eyshila discursivizes homosexuality by positioning herself as a mother and as an evangelical / religious woman, in order to observe whether, in these places, she breaks or perpetuates the discourse of her discursive formation; and, as a consequence of that, the objective was also to verify if his speech proves to be significant in the fight against prejudice and violence. Pêcheux (2014 and 2015), Orlandi (2015), Mussalim (2001) and Barbosa and Silva (2016) were theoretical references for this analysis. The study showed that an apparent discourse of acceptance of homosexuality can have sense effects laden with prejudice and incite violence against the LGBTQI + population. The research refers to a gesture of interpretation, which seeks to overcome the effect of transparency in the discourse, and which is not limited to this analysis

1 Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: leila.pontes@unioeste.com.br.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 06/01/2020

Aceito em 18/11/2020

Keywords: Discourse analysis; maternal discourse; religious prejudice; violence; homosexuality

Resumen: Basado en el Análisis del Discurso de línea francesa, el presente artículo discute la violencia contra la población LGBTQI+ relacionándola al discurso religioso. Para eso, trae, como corpus de análisis, el discurso de la cantante de gospel Eyshila, subido en su Instagram para posicionarse sobre la sexualidad del hijo que, antes evangélico como sus padres, se ha declarado homosexual y drag. A partir de la observación sobre el discurso, el análisis se utiliza, principalmente, de conceptos discursivos relacionados a la ideología, a las formaciones discursivas y al efecto de sentido, con la finalidad de, a partir de un gesto de lectura, interpretar su funcionamiento. Se objetiva aun observar cómo Eyshila pone en discurso la homosexualidad al posicionarse como madre y como mujer evangélica/religiosa que es, para observar se, en esos lugares, ella rompe o perpetúa el discurso de su formación discursiva; y, como consecuencia de ello, se ha objetivado también verificar si el discurso de ella se muestra significativo en el combate al prejuicio y a la violencia. Pêcheux (2014, 2015), Orlandi (2015), Mussalim (2001) y Barbosa y Silva (2016) fueron referencias teóricas para este análisis. El estudio ha mostrado que un aparente discurso de aceptación a la homosexualidad puede tener efectos de sentido cargados de prejuicio e incitar la violencia contra la población LGBTQI+. La investigación se refiere a un gesto de interpretación, que busca atravesar el efecto de transparencia del discurso, y que no se agota en este análisis.

Palabras clave: Análisis del discurso; discurso materno; prejuicio religioso; violencia; homosexualidad.



*“Quando nasci
veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim”
Chico Buarque*

1. Introdução

A violência com a qual o Brasil trata a população LGBTQI+ o levou a assumir o ranking de país mais violento do mundo nesse aspecto. E os dados da violência só aumentam, criando ainda mais uma situação de insegurança para as pessoas desse grupo. Segundo a ONG Transgender Europe, de 2008 a 2016, foram assassinadas 868 pessoas; já o grupo Gay da Bahia registrou 445 mortes só em 2017. (BORTONI, 2018)

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais, ANTRA, confirma a informação de que o Brasil é o lugar em que mais se matam travestis e transexuais no mundo e chama a atenção para as mortes de 2020. Nos primeiros quatro meses, houve aumento no número de assassinato de pessoas trans comparado ao mesmo período de 2019. Segundo a associação, movimentos sociais denunciam a violência e insistem no apelo por medidas, por políticas públicas e por assistência a essa população, cuja existência é precarizada e exposta “a diversas formas de violência, e a mortes intencionais no Brasil”. (ANTRA, 2020)

A associação acredita que a situação é ainda mais grave do que mostram os números, visto que há uma política de subnotificação de casos concomitante ao aumento da violência. Apesar de os números não serem exatos, revelam “que o Brasil vem passando por um processo de recrudescimento em relação à forma com que trata travestis, mulheres transexuais, homens trans, pessoas transmasculines e demais pessoas trans”. (ANTRA, 2020)

O discurso religioso tem participação na construção desse preconceito, dessa violência. É possível entender isso a partir de Barbosa e Silva (2016), onde os autores afirmam que a origem dessa violência se dá no início do Brasil, quando concepções religiosas e biológicas deixaram estabelecidas normativas para gêneros, ou seja, estabeleceram parâmetros heterossexuais e polarizaram regras de comportamento: os homens enquanto seres fortes, habilitados para os negócios; as mulheres, frágeis, habilitadas aos afazeres domésticos. Ainda, segundo os autores, a religião cristã determinou, de acordo com preceitos próprios, “que um homem só é homem se este nasceu com um pênis e uma mulher só é mulher se nasceu com uma vagina, determinismo esse estabelecido por questões meramente biológicas e religiosas”. (BARBOSA; SILVA, 2016, p.111)



Essas normativas comportamentais são retratadas em passagens bíblicas, as quais, por vezes, são resgatadas para que os critérios sejam lembrados e seguidos e para rechaçarem qualquer comportamento que fuja daquilo que se determinou para homens e mulheres, como no livro bíblico de I Coríntios, capítulo 6, versículo 10: “Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (ALMEIDA, 2004, p.1590 - grifo nosso); e no livro de Deuteronômio, capítulo 22, versículo 5: “Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem traje de mulher; porque qualquer que faz isso abominação é ao SENHOR, teu Deus”. (ALMEIDA, 2004, p.258) Nesse caso, as passagens bíblicas, uma vez retiradas das condições de produção nas quais foram enunciadas e relacionadas à questão de demais gêneros, ganham efeitos de sentido negativos. Por exemplo, transexuais, por se transvestirem, podem ser significados como pessoas abomináveis e não dignas de alcançar o Reino dos Céus, posto como uma recompensa.

Discursos assim, sobre como devem proceder o homem e a mulher, remontam-se no decorrer da história e carregam preconceitos sobretudo o que difere da heterossexualidade creditada e defendida pela religiosidade. O sujeito interpelado por certas crenças religiosas pode não aceitar o que se distancia de sua forma de entender o mundo. Barbosa e Silva (2016, p.111) afirmam que, devido a passagens bíblicas, “muitos religiosos contestam com veemência as orientações sexuais distintas da heterossexual e questionam também os indivíduos que fogem a “regra divina” de ir contra as normas de gênero estabelecidas”.

Em um site religioso que discute transexualidade e transgeneridade, por exemplo, o autor faz a seguinte afirmação:

A Bíblia em nenhum lugar menciona explicitamente a transgeneridade ou descreve alguém como tendo sentimentos transgêneros. No entanto, a Bíblia tem muito a dizer sobre a sexualidade humana. O conceito mais básico para nossa compreensão de gênero é que Deus criou dois (e apenas dois) gêneros: “homem e mulher os criou”. (Gênesis 1:27) Toda a especulação moderna sobre numerosos gêneros ou fluidez de gênero - ou mesmo um “continuum” de gênero com gêneros ilimitados - é estranha à Bíblia. (GOTQUESTIONS, s/d)

O texto, de início, deixa claro que a transexualidade e a transgeneridade não são discutidas na bíblia, o que se leva a concluir que não há razões efetivas para que a religião se posicione de forma negativa sobre o assunto. Entretanto, o mesmo autor reforça os gêneros



homem/mulher sugerindo que não é aceitável tudo o que foge a essa binaridade. Ele resgata não apenas a polarização, “Deus criou dois (e apenas dois)”, citada por Barbosa e Silva (2016), como também encorpa o preconceito ao diferente, ou seja, a qualquer outra identidade de gênero, principalmente quando afirma que:

Não importa se a distorção de gênero tenha uma causa genética, hormonal, fisiológica, psicológica ou espiritual, ela pode ser superada e curada através da fé em Cristo e da confiança contínua no poder do Espírito Santo. A cura pode ser recebida, o pecado pode ser superado e as vidas podem ser mudadas através da salvação que Jesus provê, mesmo que existam fatores biológicos/fisiológicos. (GOTQUESTIONS, s/d)

Dessa maneira, o diferente à heterossexualidade extrapola o sentido de abominação presente no versículo bíblico e passa a ser significado como pecado, distorção e doença. Não há, nesse sentido, aceitação à condição do homossexual, do transexual, do transgênero, do diferente em geral. Eles são considerados pessoas perdidas, condenadas e precisam ser mudadas, transformadas, salvas.

Nesse sentido, Barbosa e Silva (2016) chamam a atenção para o ambiente familiar. Segundo os autores, pais, pautados unicamente em discursos religiosos, aderem a essas crenças e as seguem “Convictos de suas afirmações, que para eles, são os próprios direcionamentos do seu senhor, buscam nesses textos religiosos legitimar preconceitos contra indivíduos, como também legitimar a violência”. (BARBOSA; SILVA, 2016, p.112) Conforme os mesmos autores, é comum a violência contra a pessoa não heterossexual ser praticada na família, segundo estes, a violência “pelos próprios familiares não é nada incomum, pelo contrário, a todo o momento é possível encontrar relatos na mídia de agressões e espancamentos pelo fato de ‘o indivíduo se desviar do caminho da heterossexualidade’”. (BARBOSA; SILVA, 2016, p.112)

Esse quadro de violências contra grupos que não se enquadram em “normativas heterossexuais” impostas, o fato de o discurso religioso ter uma visão polarizada de gênero (homem/mulher), apresentando-se como não aceitação ao diferente, e, inclusive, o fato de familiares religiosos praticarem violências contra esses grupos de pessoas, motivaram a escolha do corpus desta pesquisa: o discurso de uma mãe religiosa/evangélica postado em seu Instagram ao se posicionar sobre a sexualidade do filho, o qual, antes religioso como os pais, declarou-se homossexual e drag queen:



Os pais só podem fazer sexo, mas garantir a vida só quem pode é Deus. Nossos filhos são herança do Senhor, mas não são nossa propriedade. Eles são nossos filhos, não nossos troféus. Eles são nossos, mas são seres independentes. Não são a nossa continuação, mas tem sua própria história, com suas escolhas e suas experiências. Pais, amem seus filhos! Amem e expressem isso em palavras e atitudes. Se o que vocês derem, ainda assim não for suficiente para eles por alguma razão, não se culpem por isso. Os pais só podem dar o que tem. Além do mais, ainda que vocês cometam muitos erros na criação deles, existe um Pai no céu que é poderoso pra transformar toda maldição em bênção. Antes de serem nossos filhos eles pertencem a Deus. Assim como Deus nos ama incondicionalmente, AMEMOS nossos filhos também. Amemos mesmo sem concordar com seus erros. Amemos sem compactuar com suas escolhas. Amemos sem culpa e sem vergonha alguma. Afinal, quem ama não deve nada a ninguém.

Nem explicações...

#omilagresoueu

#aindaqueestejamortoviverá

#EuAindaVouSonhar

#EUNAOVOUPARAR

#vidaquesegue. (EYSHILA, 2020)

A mãe, sujeito desse discurso, é uma das vozes mais populares, mais influentes da indústria gospel (DIAS, 2020), a famosa cantora e compositora gospel Eyshila Oliveira Santos, conhecida simplesmente por Eyshila. Evangélica de berço, é membro da igreja Assembleia de Deus e casada com pastor. Reconhecida no universo religioso, ocupa palcos desde muito criança. (LETRAS, s/d) O filho é Lucas Santos, o caçula da cantora e sobrinho do polêmico pastor Silas Malafaia (CHAGAS, 2020a), o qual possui um farto repertório de declarações de ataque a homossexuais, dentre elas: “Sou contra e estou aqui para dizer [...] a família é milenar, homem, mulher e sua prole [...] Tenho direito de preservar macho e fêmea, porque essa é a história da civilização humana” (MALAFAIA, 2015), “Eu não acredito que dois homens e duas mulheres tenham a capacidade de criar um ser humano”, “Eu amo os homossexuais como eu amo os bandidos.” (LOPES, 2013) Malafaia e Eyshila compactuam do mesmo segmento religioso.

O referido corpus será analisado com base em pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha fancesa (AD). Diante disso, o principal objetivo desta análise é entender como funciona o discurso do sujeito Eyshila (mãe e mulher religiosa), considerando ideologia, formação discursiva (FD) e seus efeitos de sentido. Objetiva-se ainda observar: a) como Eyshila discursiviza a homossexualidade ao se posicionar como mãe e como mulher evangélica/religiosa, a fim de ver se, nesses lugares, ela rompe ou perpetua o discurso de sua



formação discursiva; e, como consequência disso, b) se o seu discurso se mostra significativo no combate ao preconceito e à violência.

2. Desenvolvimento

Para analisar a postagem de Eyshila e entender como funciona seu discurso, em primeiro lugar, é importante considerar que a cantora postou esse discurso no Instagram “Após a repercussão das publicações atribuídas a Lucas Oliveira Santos, filho de Eyshila, vestido como drag queen”. (CHAGAS, 2020b) Segundo algumas publicações, sua atitude foi de apoio ao filho: “Cantora gospel Eyshila mostra apoio a filho gay e drag queen: ‘Quem ama não deve nada a ninguém’” (TAVARES, 2020); e de respeito: “A artista pentecostal também recorreu ao Instagram para reiterar sua posição a respeito da independência dos filhos e necessidade de respeitar suas escolhas”. (CHAGAS, 2020b) Posto isso, é importante considerar que, em AD, o sujeito do discurso se refere a um sujeito do inconsciente, “Nesse sentido, o ‘eu’ perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que ‘outro’, o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade”. (MUSSALIM, 2001, p.134) Orlandi acrescenta apontando a relação desse inconsciente com a ideologia, “Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” (ORLANDI, 2015, p.45), e, ainda, “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. (ORLANDI, 2015, p.44) Eyshila, portanto, como não poderia deixar de ser, é esse sujeito do inconsciente, esse sujeito atravessado ideologicamente.

Ao produzir seu discurso, enquanto sujeito que é, Eyshila possui duas ilusões, as quais, segundo Mussalin estão relacionadas à interpelação ideológica, ou melhor, ao assujeitamento ideológico. Primeiro, a autora comenta que sujeito se ilude porque se esquece “de que ele mesmo é assujeitado pela formação discursiva em que está inserido ao enunciar (esquecimento n.1)” e, segundo, que “tem plena consciência do que diz e que por isso pode controlar o sentidos de seu discurso (esquecimento n.2)”. (MUSSALIM, 2001, p.135)

Diante disso, ao expressar seu amor ao filho, mostrando que, independentemente, da escolha dele, ela estará ali, Eyshila discursa a partir de sua formação discursiva e seu discurso revela a ideologia dessa formação. Assim, a cantora diz mais do que, na verdade, supõe dizer a respeito da homossexualidade e não controla os efeitos de sentido de seu discurso.



Em seu discurso, Eyshila ocupa, ao mesmo tempo, a posição, o lugar de mãe e a posição de mulher religiosa. Na posição da maternidade, enuncia como uma mãe amorosa, que abraça o filho, que não o rejeita, sugerindo que estará sempre ao lado dele independente de suas escolhas. Um amor incondicional, bem o que a sociedade espera desse papel. Ela faz isso como se, aparentemente, estivesse conformada, sem sentir peso ou algum sentimento de incômodo diante da situação, conforme sugere a sequência discursiva (SD) “Amemos sem culpa e sem vergonha alguma. Afinal, quem ama não deve nada a ninguém”. Posiciona-se, de forma, como uma mãe segura, que dá espaço para o filho, que entende sua liberdade, como sugerem as SDs “Nosso filhos são herança do Senhor, mas não são nossa propriedade”, “Eles são nossos, mas são seres independentes” e “Não são a nossa continuação, mas tem sua própria história, com suas escolhas e suas experiências”. (EYSHILA, 2020)

Entretanto, importa lembrar que o sujeito Eyshila também ocupa uma posição de mulher religiosa, é perpassada por uma ideologia cristã e, levando em conta isso, é necessário pensar os efeitos de sentido de suas palavras, pois, bem como afirma Pêcheux,

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ´em si mesmo` (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 2014, p.46)

O sentido, portanto, é determinado por posições ideológicas. Considerando isso, quando ela enuncia a SD “#aindaqueestejamortoviverá”, o efeito de sentido produzido, nessas condições de produção em que se insere, é de que o filho, por se declarar homossexual, está “morto”, visto que, para essa ideologia, está em pecado (o pecado leva à morte). Isso é citado por passagens bíblicas como em Romanos, capítulo 6, versículo 23: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. (ALMEIDA, 2004, p.1562)

Dessa forma, essa mãe religiosa vê o filho como morto, mas alimenta uma esperança, uma crença de que ele viverá, ou seja, deixará a homossexualidade, o pecado e voltar-se-á para Cristo. Essa crença fica clara porque a SD “#aindaqueestejamortoviverá” é parte do seguinte trecho bíblico do livro de João, capítulo 11, versículo 26, no qual o enunciador Cristo declara: “e todo aquele que vive e crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá”. (ALMEIDA, 2004, p.1440) O sentido é de que é necessário viver em



Cristo, ou seja, seguir a ideologia cristã para que se tenha essa vida. A homossexualidade impede esse viver com Cristo, é um caminho à morte.

O discurso de Eyshila, marcado ideologicamente, significa a homossexualidade também como uma maldição, conforme a SD: “existe um Pai no céu que é poderoso para transformar toda maldição em bênção”. Nesse momento, o efeito de sentido é de não aceitação à condição do filho, chamam a atenção as palavras “maldição” e “transformar”. Há discurso bíblico, por exemplo, que faz oposição entre a palavra bênção e a palavra maldição e um paralelismo dessas duas entre vida e morte, como ocorre no livro de deuterônimo capítulo 30, versículos 19 e 20:

Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti, que tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois a vida, para que vivas tu e a tua semente,/amando ao Senhor, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e te achegando a ele; pois ele é a tua vida e a lonjura dos teus dias; para que fiquem na terra que o SENHOR jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque e a Jacó, que lhes havia de dar. (ALMEIDA, 2004, p.268)

A palavra “transformar”, nessas condições de produção do discurso, levando em conta o assujeitamento ideológico religioso do sujeito, produz um efeito de sentido de ação divina, de milagre. Revela a crença do enunciador de que o Deus no qual acredita irá mudar algo ruim, algo maldito para uma coisa boa. Não há aqui a aceitação e o entendimento de olhar o outro, cujo comportamento rompe com a ideologia cristã, como alguém normal. Não. Esse deslizamento ideológico, esse furo, esse rompimento do filho com a ideologia na qual foi criado, a qual não aceita a homossexualidade, não pode ser mantido. É necessário que um Deus poderoso intervenha e transforme tudo, independentemente do que o filho sinta ou pense, não importa se ele é feliz assim, não importa como queira levar sua vida, a mãe religiosa tem fé de que Deus irá mudar sua condição.

Assim, a princípio, embora pareça que ela respeita a individualidade do filho, os efeitos de sentido do discurso se direcionam para outro entendimento, para a crença de sua FD, para aquilo que a ideologia que a atravessa defende. A partir de afirmações como as das SDs “#EuAindaVouSonhar/7” e “#EUNAOVOUPARAR”, é possível significar que ela vai sonhar com a transformação do filho, algo esperado para esta FD, visto que, nela, há muitos discursos que levam o religioso a sonhar, a acreditar que Deus/Jesus pode realizar o que deseja. Seria impossível citá-los todos, mas, dentre eles, há versículos como o do livro de João, capítulo 14, versículo 13: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu farei”. (ALMEIDA, 2004, p.1448) E



também, passagens bíblicas que levam o religioso a insistir em um objetivo, a permanecer em um sonho, a exemplo, o livro de Lucas, capítulo 11, versículos 9 e 10: “E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á./porque, qualquer que pede, recebe; e quem busca acha; e a quem bate, abrir-se-lhe-á”. (ALMEIDA, 2004, p.1375)

Além disso, reforçam essa crença narrativas bíblicas que relatam a história de personagens que passaram por transformações, por intervenção divina. Relatos sobre pessoas malvadas, pecadoras, doentes e até de pessoas possuídas por espíritos malignos. Por exemplo, apóstolo Paulo, antes chamado Saulo, era um homem malvado que, com muita crueldade, perseguia e matava cristãos - livro de Atos, capítulo 9; a mulher samaritana, a qual era considerada pecadora, ao encontrar e conhecer Jesus, arrependeu-se de seus pecados e mudou seu comportamento - livro de João, capítulo 4; a mulher do fluxo de sangue, como é conhecida, no encontro com Cristo, foi curada de uma hemorragia da qual sofria há muitos anos e que os médicos não conseguiram curar - livro de Marcos, capítulo 5; o endemoniado gadareno era um homem perturbado por espíritos durante muitos anos, vivia em sepulcros e foi liberto por Jesus - livro de Lucas, capítulo 8. As passagens bíblicas de pessoas que foram libertas de seus males não se esgotam nesses exemplos, são inúmeras. Assim, o efeito de sentido para a palavra “transformada” é o de que o sujeito Eyshila espera, por que não dizer, acredita que, assim como muitos milagres da bíblia, seu filho seja transformado, ou ainda, curado de um mal, liberto de algo que ela considera uma maldição, a homossexualidade. Nessas condições de produção, seu discurso traz um não-dito que também significa: Deus pode fazer um milagre/transformação na vida do filho e ele voltar a ser um homem heterossexual.

Mesmo afirmando que “Afiml, quem ama não deve nada a ninguém. Nem explicações...”, o sujeito Eyshila usa seu discurso para justificar-se, explicar-se. Por exemplo, ao enunciar “Amemos mesmo sem concordar com seus erros”, “Amemos sem compactuar com suas escolhas” (EYSHILA, 2020), o discurso revela que ela está de acordo com demais sujeitos de sua FD, pois, apesar de amar o filho homossexual, ela não concorda com seus “erros” e com “suas escolhas”. Ela, na verdade, não diz o que quer, diz aquilo que, no lugar que ocupa, é permitido: “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...] a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa”. (MUSSALIM, 2001, p.110) Ela não pode contrariar sua FD.

Além disso, de acordo com preceitos dessa FD, há discursos que circulam sobre o papel dos pais em relação à criação dos filhos, dentre eles, no livro de provérbios, capítulo 6, o



versículo “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”. (ALMEIDA, 2004, p.860) O filho de Eyshila foi criado em um ambiente religioso, o mesmo da mãe, o mesmo no qual se defende a “normatividade de gênero”, de forma que a homossexualidade não é aceita, apesar disso, ele, surpreendentemente, rompe com essa ideologia, declara-se o oposto ao que essa FD esperava dele. Nesse caso, levando em conta o que afirma o referido discurso, Eyshila e o esposo não instruíram bem o filho, porque o rapaz se desviou do caminho. Entretanto, Eyshila não assume essa “culpa”, ela procura amenizar o que seria “sua falha”, o que é perceptível ao enunciar que “Nosso filhos são herança do Senhor, mas não são nossa propriedade”, “Se o que vocês derem, ainda assim não for suficiente para eles por alguma razão, não se culpem por isso. Os pais só podem dar o que tem”. (EYSHILA, 2020) Sem palavras, por meio de um não-dito, ela diz que fez tudo o que podia, tudo o que estava ao seu alcance para que o filho escolhesse o que considera o certo, mas ainda não foi o suficiente. De fato, mesmo assim, Lucas assume sua sexualidade, o que comprova que “cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções”. (PÊCHEUX, 2015, p.115)

Com relação à SD “#vidaquesegue”, é possível perceber uma contradição entre posições, lugares, que ocupam esse sujeito: a posição de mãe e a posição de mulher religiosa. Aqui cabe uma reflexão para atender ao primeiro objetivo desta pesquisa. Segundo Orlandi (2015, p.47), devemos “lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz”. Assim, quando o sujeito Eyshila está na posição de mãe, ela assume um discurso de amor incondicional, conforme mostra a SD “Assim como Deus nos ama incondicionalmente, AMEMOS nossos filhos também” (EYSHILA, 2020), bem como se espera que seja o amor materno, bem como se espera que deva agir uma mãe. Nesse momento, há uma aparente aceitação ao filho, entretanto, o sujeito ocupa, concomitantemente, um lugar de mulher religiosa e, neste ponto, a SD “#vidaquesegue” ganha um efeito de sentido de que a homossexualidade do filho é um fardo, um peso para ela. Em posição de mulher religiosa, é possível resgatar outros não-ditos nos quais ela acredita, como: apesar do erro do filho, de seu pecado, de sua abominação, de sua desobediência a Deus, ou seja, apesar de tanta coisa ruim que a homossexualidade representa para essa mulher, ela tem que persistir, inclusive acreditando que o filho irá mudar, como se percebe a partir das SDS #aindaqueestejamortoviverá”, #EuAindaVouSonhar”, #EUNAOUVUPARAR”. (EYSHILA, 2020)



Já atendendo ao segundo objetivo desta análise, esse discurso não é significativo no combate ao preconceito e à violência, pois há preconceito nessa relação mãe e filho. O discurso de Eyshila não sai em defesa dos diferentes gêneros, não propaga a homossexualidade, por exemplo, como algo tão normal/natural quanto a heterossexualidade. É um discurso conservador, agressivo, perigoso, mascarado pelo discurso de valorização ao amor: “AMEMOS nossos filhos também”. (EYSHILA, 2020) Ele até pode, em alguns casos, conscientizar familiares a não expulsarem seus filhos, a não cometerem violência física contra eles, mas a violência psicológica, não menos dolorosa, faz-se presente, muitos não-ditos falam a partir de Eyshila: “Você está errado”, “Você está em pecado”, “Você desobedece a Deus”, “Você vai para o inferno”, “Você não é normal”, “Você me envergonha”, “O que você faz é abominável” etc., mesmo assim “Eu suporto essa dor, essa vergonha, porque sou sua mãe”. O discurso propaga o preconceito, ao discursar homossexualidade como “erro” e como “maldição”. A rejeição está ali e é devastadora.

3. Considerações finais

A partir das reflexões feitas até aqui, é possível perceber que a SD “#vidaquesegue” representa bem e de forma geral a postura da cantora em relação à homossexualidade do filho. Na perspectiva de Eyshila, ela está diante de algo difícil, de erros do filho, de uma maldição, mas tem que seguir em sua fé, forte, confiando no que Deus pode fazer para transformar essa situação. Embora expresse amor, em seu discurso, há rejeição; a aceitação é apenas aparente. Eyshila, sem controlar os efeitos de sentido de seu discurso, coloca, às claras, a forma preconceituosa como entende a homossexualidade. Isso não foi intencional, não foi pensado. Eyshila posicionou-se no Instagram para falar de seu amor ao filho como um abraço de quem afaga, de quem acolhe, de quem protege. Mas, o sentido lhe escapou, visto que o sentido de uma palavra, ou de uma expressão, ou de uma proposição é determinado pela ideologia, em outros termos, “o caráter material do sentido - mascarado por evidência transparente para o sujeito - consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’”. (PÊCHEUX, 2014, p.146)

Eyshila tem um discurso coerente com sua FD, lembrando que “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2015, p.41) Assim, ela parece romper com a ideologia quando vai a público declarar seus sentimentos, mas logo se percebe Eyshila enquanto sujeito conservador, contra a homossexualidade, conseqüentemente, contra o filho. A posição de mãe é interpelada pela



ideologia da posição de mulher religiosa. Elas estão enredadas. Não é o caso de questionar, porém, o amor de Eyshila, mas, sim, sua “aceitação”.

Esse discurso não é efetivo para a causa de proteção à população LGBTQI+, principalmente em um momento, conforme afirma a ANTRA (2020), em que ocorre um recrudescimento da violência contra essas pessoas, motivo pelo qual a associação, “reforça a importância do nosso trabalho de monitoramento, incidência política e denúncias a órgãos internacionais”. Esse discurso, na verdade, reafirma a normatividade de gênero (homem/mulher), e nega qualquer outra possibilidade de gênero que não se enquadre nessa polaridade. Não aceita outra sexualidade como algo intrínseco, natural da constituição humana. Outro comportamento sexual é significado, além de maldição e erro, como “escolha”. Discursos como esse constroem, para essa população, uma imagem negativa, minam possibilidades de os sujeitos LGBTQI+ serem vistos, compreendidos como iguais.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de Estudo*: aplicação pessoal (revista e corrigida). Brasil: CPAD, 2004.
- ANTRA. [s.d]. *Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020*: direitos e política, violência. Disponível em: <<https://cutt.ly/DhVDH4D>>. Acesso em 18 mai 2020.
- BARBOSA, Bruno Rafael Nogueiral; SILVA, Laionel Vieira. “*Os cães do inferno se alimentam de blasfêmia*” 1: religião e transfobia no ciberespaço. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n.24, p.110-133, jan-jul. 2016. Disponível em: <<https://bitly.com/O12e6>>. Acesso em 18 mai 2020.
- BORTONI, Larissa. 17 mai 2018. *Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo*. Disponível em: <<https://bitly.com/i81e9>>. Acesso em 22 mai 2020.
- CHAGAS, Thiago. 28 abr 2020. *Sem concordar com seus erros”, Eyshila desabafa sobre polêmica com eu filho*. Disponível em: <<https://cutt.ly/lhVPYKz>>. Acesso em 20 abr 2020a.
- _____. 27 abr 2020. *Site LGBT diz que filho de Eyshila, Lucas, teria publicado fotos vestido de drag queen*. Disponível em: <<https://bitly.com/wHYKN>>. Acesso em 20 abri 2020b.
- DIAS, Surenã. 25 abr 2020. *Filho da cantora gospel Eyshila surpreende e vira drag queen*. Disponível em: <<https://bitly.com/tz8jR>>. Acesso em 20 abr 2020.
- EYSHILA, Oliveira Santos. *No colo de Deus*. Instagram. 2020. Disponível em: <<https://cutt.ly/ihVPCiH>>. Acesso em 20 de abril 2020.
- GOTQUESTIONS. [s.d]. *O que a Bíblia diz sobre o transexualismo/transgeneridade?*. Disponível em: <<https://cutt.ly/QhVPDlx>>. Acesso em 15 mai 2020.
- LETRAS. [s.d]. *Biografia de Eyshila*. Disponível em: <<https://cutt.ly/UhVAWJz>>. Acesso em 18 abr 2020.
- LOPES, Yuri. 4 fev 2013. *Silas Malafaia causa polêmica por opiniões sobre homossexualidade e aborto*. Disponível em: <<https://bitly.com/dqy7Y>>. Acesso em 18 mai 2020.



MALAFAIA, Silas. Pr. *Silas Malafaia Critica Propagandas que Incentivam o Homossexualismo*. Youtube. 2015. (2 min). Disponível em: <<https://bitly.com/Sgc4A>>. Acesso em 15 abr 2020.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. 2001. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101 - 142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12.ed., Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2014.

_____. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Tradução Eni Pulcineli Orlandi). 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

TAVARES, João Victor. 27 abr 2020. *Cantora gospel Eyshila mostra apoio a filho gay e drag queen: “Quem ama não deve nada a ninguém”*. Disponível em: <<https://bitly.com/tUGp6>>: Acesso em 15 de maio 2020.

